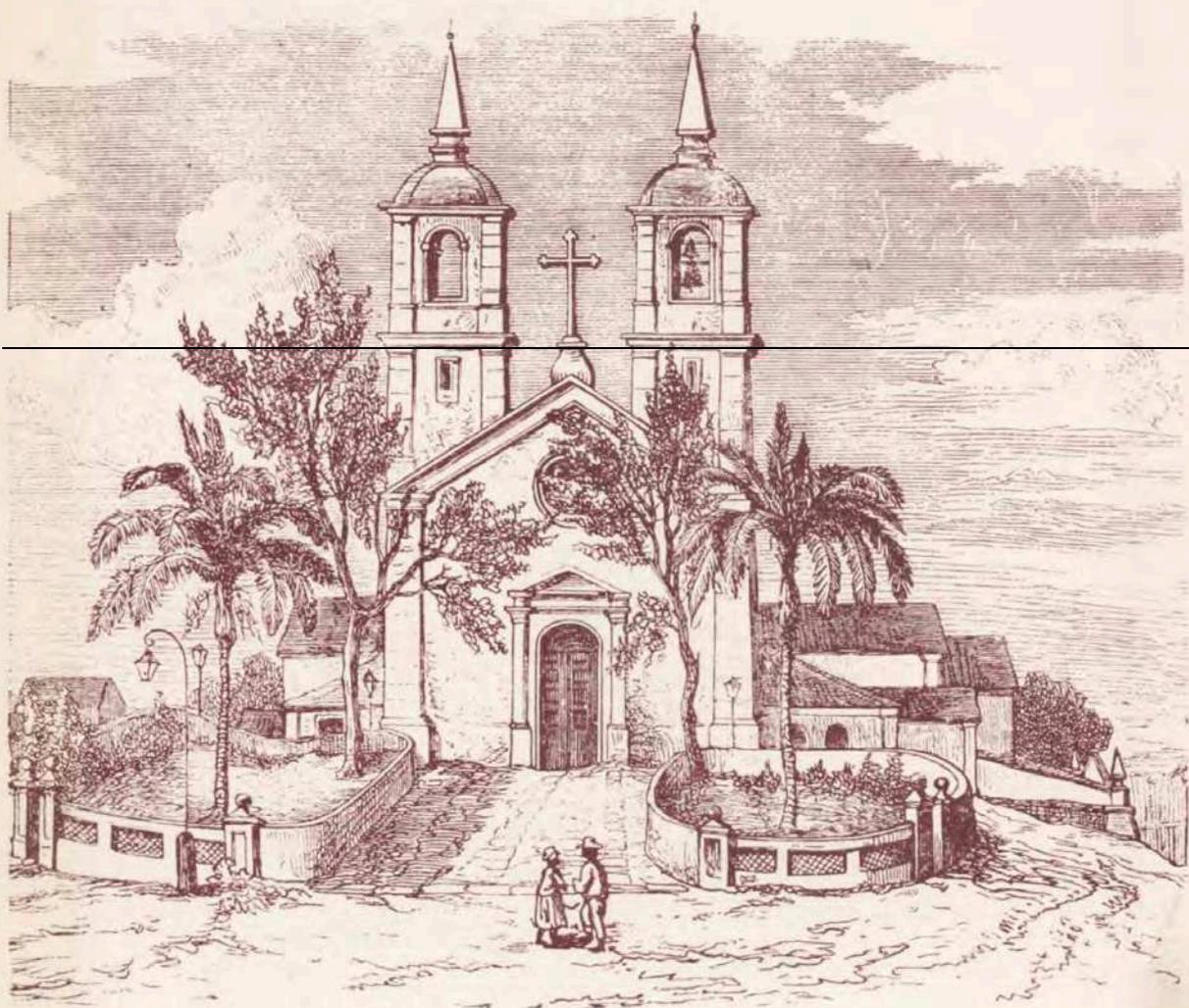


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº 48
ECT - DR - S.C.



Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ NOVEMBRO DE 1973 ★ Nº. 11

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Texteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Industria Textil Companhia Hering

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Blumenau

em cadernos

T O M O X I V

Novembro de 1973

Nº 11

A FRITURA

C. GAERTNER

O piquete, composto por cinco homens, seguia ao trote compassado das montarias, pela trilha que atravessava a campina em direção à orla da mata na encosta do morro. Formavam fila indiana, serpeando a trilha entre o capim barba-de-bóde e a macega alta. Atravessaram um riacho que cortava a campina, onde abeberaram os animais. Em pouco chegaram ao mato onde a trilha se enfurnava. Iam cuidadosos, atentos aos rastos e vestígios, aos rumores, ao movimento das aves, ao gralhar muito significativo das gralhas azuis, pois sabiam que alguns jagunços tinham sido vistos por aqueles arredores. - O mato, composto de pinheiros, imbuías, cedros, canelas, guamirins, angicos, cambarás, vassourões, agulheiros, taquaruçus e taquaras, xaxins, camboatãs, camboins, paus tenente, carnes-de-vaca, miguéis-pintados, sapopemas, cabreivas e vários tipos de cipós emaranhados nas milhares de árvores, estendia-se morro acima, e a trilha serpeava, úmida e musgosa, por entre um alcatifado de trapoerabas, jaguarandis-da-terra-bôa, alfavacas, murtas, fetos, begonias, tanchagens, taraxacos e uma infinidade de outras ervas de nomes e qualidades desconhecidos.

O piquete era chefiado pelo Pedro Canoeiro, cujo apelido se devia ao fato de ter nascido na costa do rio Canôas, e compunha-se dos vaqueanos João Euzébio, Sebastião Biriva, José Telles, todos caboclos, e do negro Bastião Quadros, retinto, magro, beicudo e repulsivo, cujo nome lhe viera de ter sido crioulo da Fazenda dos Quadros, próxima a Curitibaanos.

O piquete seguia silencioso, ouvindo-se apenas o pisar dos animais, algum bufido, e um que outro retinir de estribos ou de metais do arrame. À frente seguia, atento e cuidadoso, Pedro Canoeiro. Em

dado momento, já bem adentrados na mata, próximo a um espesso taquaral, parou e fez sinal ao vaqueano que o seguia de perto. Ambos apesaram e passaram a examinar o terreno.

- Rasto fresco de homem descalço! disse Canoeiro.

- E não faz nem meia hora que passou por aqui vindo da direita! retrucou Biriva.

- Atenção! disse Canoeiro. - Vamos deixar aqui os animais, e o Zeca toma conta deles. Seguiremos o rasto para ver quem é.

E os quatro homens separaram-se, dois de cada lado, e seguiram por entre o mato, onde iam encontrando novos vestígios, cuidadosos e atentos.

Em pouco alcançaram uma pequena clareira na mata, onde as pegadas indicavam que, quem quer que fosse, dirigira-se para uma pequena cabana de pau a pique coberta com folhas de taquara, de onde saía um filete de fumaça. Havia fogo e alguém estava lá.

Preparavam-se para rodear a choça quando à porta apareceu um individuo esfarapado e hirsuto. Portava uma Winchester. Ao dar com os intrusos recolheu-se precipitadamente, enquanto os quatro abriam fogo com suas carabinas. O sitiado respondeu com tres tiros inuteis e cessou a resistência.

Os sitiantes ficaram observando por algum tempo, renovaram o fogo de carabina, e depois deslocaram-se, rastejando pelo chão, de moita em moita, de árvore em árvore, aproveitando cada saliência do terreno para abrigo, e foram se aproximando da cabana. Mas, como não houvesse qualquer reação, apesar das fintas que fizeram, Canoeiro comandou o avanço para o entrevêro. Correram em zig-zag, de abrigo em abrigo.

Sebastião Biriva foi o primeiro a chegar á porta aberta e entrou, jogando-se, de revólver em punho, e foi seguido pelos demais compaheiro. Lá dentro havia um fogo mortíço no chão, e, sobre tres pedras servindo de trempe, estava uma velha frigideira com sebo ou outra qualquer gordura fervendo. Ao lado, no chão de terra, um ovo ainda inteiro. E do outro lado do fogo, caído em meio a uma poça de sangue, estava o jagunço ferido. Ao lado a winchester inutil e vazia.

Bastião Quadros aproximou-se do homem deitado de costas e que respirava em haustos pela boca entre-aberta.

- Água... pelo amor... de Deus! gemeu o ferido.

Bastião Quadros aproximou-se do fogo, apanhou a frigideira, e, num gesto de estúpida violência e ferocidade, emborcou a banha fervente na boca entre-aberta do ferido.

- Beba água, maldito!

O ferido soltou um urro terrível e inumano, rolou pelo chão todo contorcido pela imensidade da dor, e desmaiou.

- Por que fez isso? gritou Canoeiro, enquanto todos olhavam, paralizados de estupor.

E, como o jagunço voltasse a estrebuchar nas vascas do sofrimento agônico, deu-lhe, na cabeça, o tiro de misericórdia.

Vila de Porto Belo

1833

Auto da posse e juramento da instalação da Câmara Municipal da Vila de Porto Belo.

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e trinta e tres, aos sete dias do mes de Dezembro, nesta nova Vila de Porto Belo, onde se achava o Presidente da Câmara Municipal, o Capitão Joaquim Rodrigues Pereira, o qual se achava munido de dar a dita posse por procuração que fez ao senhor Juiz de Paz Sálvio Antônio de Souza Medeiros, na conformidade do Decreto de vinte e dois de Julho de mil oitocentos e trinta e três, e por ele deu posse aos Vereadores da Vila de Porto Belo, ficando assim desmenbrada da Capital, por determinação do Conselho Administrativo, em virtude de Decreto da Criação, em observância do que prescreve o Artigo 3º do Código Criminal, e o artigo 1º das Instruções de 15 de dezembro do ano passado, cuja deliberação que foi mandado executar, consta da Sessão Extraordinária do mesmo Conselho, do 1º de março deste ano, e é do teor seguinte: Apresentou o Exmo. Sr. Presidente o Aviso da Secretaria do Estado dos Negócios da Justiça de 11 de janeiro, para dar-se execução ao Código do Processo e Instruções a que se refere o Decreto de 13 de Dezembro último. Consequentemente, passou o Conselho a deliberar sobre a divisão dos termos, na forma do artigo 3º do Código, e primeiro das Instruções. E re-

solveu que ficasse substituído com os seus limites atuais, o da Vila de Lages, Laguna e São Francisco, e que o da cidade se subdividisse em quatro, sendo um o da mesma cidade, compreendendo todas as Freguesias da Ilha; outro o de São José, compreendendo a Freguesia de Enseada do Brito; outro o de São Miguel, compreendendo a Colônia Alemã, e outro o da Vila de Porto Belo, compreendendo o Curato de Itajaí, a subdividir-se do de São Francisco pelo rio Gravatá. E sendo aí o dito presidente em sua própria casa, comparecerão os cidadãos, o Sargento Mor João Correia Rabello, o Sr. Antônio José da Silva, o Sr. Bernardo Dias da Costa, o Sr. Tenente Luiz Rodrigues Pereira, Sr. Francisco José de Souza e Conceição e o Sr. João da Cunha Bittencourt como imediato em votos pela excusa apresentada do Vereador Sálvio Antônio de Souza Medeiros, por se achar exercendo o lugar de Juiz de Paz, que tinha reunido a maioria de votos para Vereadores. E aqueles que presentes foram deferir o mencionado juramento, segundo a forma prescrita no Artigo 17 da Carta de Lei de 1º de outubro de 1828, depois do que lhe deu posse dos lugares que lhes competia, ficando no de Presidente o Sr. Capitão João Rodrigues Pereira, por ser o mais votado. Cumprido assim o que determina o Artigo 3º do Decreto de 13 de novembro de 1832, se houve por juramentada, empossada e instalada a Câmara Municipal da Vila de Porto Belo,

de que se lavrou este ato que assinaram presidente e mais vereadores. Eu Francisco José de Souza e Conceição o escrevi. - O Presidente Joaquim Rodrigues Pereira - João Correia Rabello - Antônio José da Silva - Bernardo Dias da Costa - Luiz Rodrigues Pereira Rebello - Francisco José de Souza e Conceição - João da Cunha Bittencurt. - E por não haver mais que tratar seguimos à Igreja Matriz ao solene «Te Deum Laudamus»

acompanhados do Reverendo Pároco, e mais cidadãos, em ação de Graças e a ordem do dia 9 será a nomeação dos Officiais da Câmara, e levantou-se a sessão. - O Presidente, Joaquim Rodrigues Pereira - João Correia Rebello - Antônio José da Silva - Bernardo Dias da Costa - Francisco José de Souza Conceição - Luiz Rodrigues Pereira Rebello - João da Cunha Bittencurt.



Um Enforcamento Em Porto Belo

No capítulo 11º do seu excelente trabalho, «Nossa Senhora do Desterro», que relemos com grande prazer e proveito, mestre Osvaldo Cabral trata de alguns condenados à morte pela Justiça da Província e adianta ter ficado notícia de que tres dos criminosos tiveram a sentença executada por enforcamento.

O primeiro dos executados foi João Tomás do Nascimento, a 23 de janeiro de 1840, em força armada pelo engenheiro Sepulveda Everard numa das praças da cidade.

O segundo, um soldado da Fortaleza de Araçatuba, baiano. Foi enforcado no patíbulo armado no Campo do Manejo, em Desterro, a 13 de julho de 1842 e, a 6 de setembro do ano seguinte foi igualmente executado o seu comparsa no crime, Bento José de Sousa, também soldado da citada Fortaleza.

Segundo o mesmo e ilustre historiador, houve na província, como em São Miguel, em Lages e Laguna, outras condenações à pena capital, que, entretanto, foram comutadas. Os únicos enforcamentos concretizados teriam sido aqueles tres. Há muito conheciamos documentos da Câmara de Porto Belo que tratavam da condenação á morte de um escravo que assassinara o seu senhor, no lugar Bobos. Não havíamos, entretanto, aprofundado as pesquisas ao ponto de certificarmos da efetiva execução da sentença pelo enforcamento do condenado.

Compulsando, agora, uma biografia de José Antônio da Silva Simas, figura proeminente da política e administração de Porto Belo desde 1841, pelo seu cunhado José Mendes da Costa Rodrigues a quem já nos

referimos muitas vezes nestes «Cadernos». A biografia citada será também reproduzida numa das nossas próximas edições. À certa altura da sua descrição, Rodrigues escreve: «Em 1842 foi José (Antônio) o primeiro subdelegado e que descobriu e fez prender o preto que nos Bobos e no engenho de soque, matou o seu senhor com um tiro de arma de fogo atirado por um buraco da calha do alambique, infeliz Antônio Alemão que vivia apartado da mulher Maria Luiza, sogra de João Furtado. Esse negro foi punido com a pena última e enforcado no lugar denominado «Baixo», de Pôrto Belo.»

Estava aí o final que procuraríamos por muito tempo.

Até se chegar à execução do escravo, aconteceram cousas interessantes.

Confirmada a sentença que condenou o negro Francisco, «que assassinara o seu senhor, o alemão Antônio da Silva», o presidente da Província oficiou ao Juiz Municipal do Termo de Porto Belo que providenciasse a sua execução. A autoridade judiciária, por sua vez, em ofício de 2 de julho de 1845, determinou à Câmara Municipal que designasse local para o levantamento do patíbulo e preparasse o necessário para o cumprimento das determinações do governo provincial.

A Câmara, em reunião da mesma data, designou o «Pontal» como local da forca e informou ao juiz que ia tomar as medidas necessárias e, tão logo tudo estivesse pronto, o poria ao corrente.

Mas, só a 29 de julho, a Câmara oficiou ao Padre Francisco Hernandez, vigário da freguezia de Itajaí nos seguintes termos: «Revmo Snr. Como se tem de se fazer execução em um preto que assassinou o seu senhor e nesta vila não há senão um sacerdote, o qual pode muito bem estar doente naquela ocasião e mesmo porque o padecente deve ir à missa e como entrando no «Canon» menor deve ser retirado da porta da igreja, bem claro está que fica desamparado do Ministro de Cristo e que Satanáz e seus sequazes sempre prontos a fazer percalços e ciladas livres daqueles que têm autoridade apostólica com que rebater a sua fúria e desfazer os laços armados pelo infernal dragão para perder o padecente a sua alma, e vendo a Câmara Municipal desta Vila a infelicidade eterna a que está sujeito aquela alma por semelhante falta, por isso deliberou se oficiasse a V. Revma., pedindo-lhe que a bem do serviço de Deus, e salvação daquela alma remida com o precioso sangue de Cristo, venha assistir aquele padecente no dia da execução Querendo e podendo vir, espera a Câmara o seu aviso para poder na ocasião fazer-lhe a participação. Deus guarde a V. Revma. Vila de Pôrto Belo, 29 de julho de 1845. Ao revmo. Padre Francisco Hernandez. O Presidente, João Máximo Airoso. O Secretário, Antônio José Pereira.»

Até 26 de agosto seguinte o Padre Hernandez não deu resposta alguma a esse ofício.

É sabido que o vigário de Itajaí não era «farinha de se fazer hóstia». O seu comportamento não era nada exemplar. Deixava muito a

desejar quanto ao lado financeiro e mesmo moral. Mas, parece que não se prestava muito ao gênero de missão de que a Câmara de P. Belo queria incumbi-lo. Assistir a condenados à força não ia com a sua índole. Encolheu-se, aguardando os acontecimentos.

Naquela data de 26 de agosto, a Câmara tornou a oficial-lhe: «A Câmara desta Vila tendo-lhe oficiado em data de 29 de julho p. passado, convidando-o para vir assistir a execução de um preto que assassinou o seu senhor e até a data deste não tendo chegado resposta sua e como de necessidade precisa dois sacerdotes para a dita execução, por isso novamente deliberou se lhe oficiasse pedindo-lhe resposta daquele ofício a fim de dar as providências, espera a Câmara que V. Revma. não negará ao serviço para que foi convidado e que logo dê a resposta ao portador que vai tão somente a este fim».

O Juiz Municipal, entretanto, pressionado pelas autoridades provinciais e pelos deveres do seu cargo, exigia da Câmara que esta providenciasse, quanto antes, o enforcamento do preto assassino.

E, em resposta às ordens que dele recebera, a Câmara oficiou-lhe participando que o «patíbulo já está pronto assim como o braço» e, por isso, a ela não cabia culpa na demora da execução. Adiantava mais que o Padre Francisco Hernandez, vigário de Itajaí, convidado para participar da execução como um dos assistentes do condenado, alegara achar-se «muito doente» e que, por isso, não atender o pedido.

Tirou o corpo fora, como se diz.

A força foi construída por Antônio José de Medeiros, conforme consta de um ofício da Câmara, endereçado ao procurador desta, para que lhe pagasse o respectivo custo que, infelizmente, não consta do ofício.

Dai em diante não há mais nenhum expediente da Câmara, entre os consultados, que trate do assunto. Não sabemos se foi encontrado outro padre que substituísse o Padre Hernandez ou se este, melhorando da doença, resolveu comparecer.

As cerimônias da execução de pena capital exigiam a presença de dois padres: enquanto um celebrava o sacrifício da Missa, o outro ficava ao lado do condenado e, da consagração, este era retirado do interior do templo, e continuava a assistir a cerimônia do lado de fora sempre consolado e incentivado ao arrependimento dos seus pecados pelo sacerdote assistente. Ao fim da missa, era conduzido ao local do patíbulo, onde era enforcado.

E foi o que aconteceu ao pobre negro que matara um senhor que, certamente, o submetia a castigos vexames sem conta.

Sublime Acrobacia dos Números

ARNALDO S. THIAGO

Seixas Netto é um incansável trabalhador, que tem prodigalizado, a mãos cheias, à intelectualidade barriga-verde, os primores das suas indagações no campo da Ciência mais atraente entre todas às quais se consagra a inteligência humana, conquanto a mais difícil.

Em artigo recente, publicado no «O ESTADO» fala-nos o professor Seixas Netto do Cometa de Lubos que deverá estar no arco perihélico entre os dias 20 e 30 de dezembro dêste ano quando, então, poderá ser visto durante o dia, com magnífico fulgor, durante as noites alumiará intensamente os Planetas até Júpiter e tornará a Terra iluminada quase como dia; sua cola se distenderá pelo Céu como poderosa tocha. Mas poderá ser visto, à distância, já no mês de outubro, como pequenina «estrela de rabo» Como em dezembro o Sol está alinhado no Trópico de Capricórnio, o enorme cometa será observado em sua total plenitude e imponência no Hemisfério Sul da Terra por muitos dias, antes que, cumprindo sua órbita, se perca de vista, voltando para os silhares do Universo local».

Até onde alcançará a órbita desse admirável Cometa que Seixas Netto nos promete para o fim do corrente ano, tão fértil em acontecimentos relevantíssimos, como esse do encontro dos chefes das maiores potências atômicas do mundo, para concertarem um acôrdo que leve a humanidade a uma pacificação segura e estável, sem

a qual o uso da força atômica para objetivos de guerra, poderia produzir idênticos efeitos aos da embaraço do aprendiz de feiticeiro?...-

Permita Deus venha o fulgurante Cometa de Lubos anunciar-nos o comêço da era de regeneração, que as profecias afirmam abra-se-à para a humanidade nos próximos anos do Terceiro Milênio: Enquanto esperamos, com afincoprossigamos acompanhando a marcha desta civilização tão admirável quão desesperada e eivada de paradoxos que nos levam a duvidar de que seja ela, de fato, a verdadeira e melhor civilização a que possa aspirar o gênero humano... A limitações do Infinito às proporções do alcance intelectual de certos sábios, parece constituir uma das bases desta civilização que não pôde ainda proscrever definitivamente o inferno da guerra!... Mesmo, porém dentro desse critério de limitação de ilimitável, os números são de tal forma incomensuráveis, quando se trata de medir o Universo, que vale a pena conhecer-se a extensão de tais algarismos, compreendidos no âmbito, mesmo primário, das operações e dos cálculos aritméticos.

Os mais possantes telescópios alcançaram a enorme distância de dois bilhões de anos-luz dada essa distância como constituindo o externo limite do Universo, o que somente pode ser entendido no sentido restrito de universo material, mesmo assim inaceitável,

porque além fronteiras desse máximo alcance do mais gigantesco telescópio, até hoje utilizado, devem ampliar-se outros muitos sistemas planetários, em muitas outras galáxias, pelo infinito afora, que a esse misterioso INFINITO não há que por limites, como limites não podem ser postos à simples progressão dos números, que, se tentássemos, alinhando algarismos a algarismos, nos levaria à eternidade da sobreposição dos mesmos...

Feito, entretanto, o cálculo daquela distância, já alcançada, de dois bilhões de anos-luz, até onde os telescópios descobriram terras de outros mundos, encontrou-se a astronômica extensão de dezoito sextilhões novecentos e vinte e um quintilhões e seiscentos quatrilhões de quilômetros, que é a distância que nos separa desse pretensol limite do universo material (18.921.600.000.000.000.000.000):...

Deixando aos mais competentes a verificação do cálculo, aliás simplíssimo, para que seja

constatada a sua exatidão, o que desejamos é felicitar o professor Seixas Netto, a quem devemos magnífico prefúcio para o nosso livro de poesias, ainda inédito, «A NOVA ESTRADA DE DAMASCO», pela transcendência dos seus estudos, com tanto esforço e boa vontade trazidos ao conhecimento público, assim satisfazendo as mentalidades que não podem contentar-se apenas com o ruído clangoroso das apoteoses esportistas profissionais e com os interesses econômicos, pois que se o corpo necessita de exercício para a sua conservação e o estômago de alimentos para a manutenção da vida física, certamente ninguém desconhece a necessidade que tem, todo homem, de alimento espiritual, sendo este constituído de ciência, de artes, de filosofia e de religião.

Tout posse... tout casses... tout lasse...

Mas enquanto houver no mundo uma alma sensível ao belo, ao perfeito, os tradalhadores intelectuais terão o que fazer entre os homens.



O cruzador da Marinha de Guerra Alemã, «Bremen» foi lançado ao mar a 9 de junho de 1903, deslocando 3250 toneladas, com máquinas de 10.000 HP. e velocidade de 22 nós horários. Tinha 110 metros de comprimento por 13 de boca e 5 de calado, com 4 peças mecânicas e 2 lançatorpedos, Tripulação de 297 homens, incluídos 14 oficiais.

Em dezembro de 1912, estava programada uma visita da tripulação desse vaso de guerra a Blumenau. Foram feitos grandes preparativos inclusive embandeiramento de ruas e casas. Na última hora, a visita foi cancelada. O Sr. Busch havia mandado construir um arco-de-triunfo na rua 15, em frente à sua fábrica de fósforos. Para não perder tanto trabalho e despesas feitas, o sr. Busch resolveu dar um espetáculo à população. No dia 16 daquele mes, fez iluminar feericamente o arco. Milhares de lâmpadas foram acêsas, causando grande admiração e exclamações de surpresa da enorme multidão que compareceu para assistir ao espetáculo. O arco era composto de duas colunas laterais encimadas e coroadas com as armas do Brasil.

Estante Catarinense

CARLOS BRAGA MUELLER

CRUZ E SOUZA - POETA E PENSADOR, - de Evaldo Pauli. Editora do
Escritor - S P - 1973

Cruz e Souza foi o maior dos simbolistas brasileiros. Cruz e Souza foi catarinense Cruz e Souza foi negro!

Sobre este, que se constituiu numa das maiores glórias literárias brasileiras, o conhecido escritor Evaldo Pauli dedica seu último livro, que é dividido em dois capítulos; o primeiro sobre os aspectos e vida do poeta, e o segundo versando sobre a sua poesia e pensamento.

No primeiro capítulo vamos encontrar as origens negras do menino; sua educação na casa do Cel. Guilherme Xavier de Souza (Guilherme Xavier de Souza se destacaria na Guerra do Paraguai, onde chegaria a Marechal de Campo, tendo recebido certa feita, de Caixas, em Assunção, o comando geral das Forças brasileiras. Debilitado, porém, e acometido de enfermidade, falecia logo em seguida, já de retorno a capital de Santa Catarina. A viúva, Da. Clarinda, continuaria dando toda assistência ao pequeno João da Cruz e Souza. O casal nunca tivera filhos e explica-se, assim, a afeição pelo rapaz).

O livro de Evaldo Pauli é leve e de bom estilo.

Neste ensaio ele conta muita coisa. Por exemplo, que o pai do futuro poeta, pedreiro de profissão, fora alforriado pelo Cel. Guilherme Xavier de Souza quando este partira para a Guerra do Paraguai. Na casa do coronel escravidão era coisa a que não se dava valor. A liberdade das pessoas é que importava. Tanto assim que o pai de Cruz e Souza conseguia viver do seu próprio trabalho. E chegou a construir uma casinha. Modesta, mas sua.

Passando por vários episódios burlescos e tristes, românticos e até quase inéditos, sobre a vida de Cruz e Souza, Evaldo Pauli chega ao triste epílogo da vida do poeta: sua morte, na miséria, sem a ajuda daqueles que tanto poderiam tê-lo ajudado. Alguns amigos ainda tentaram movimentar recursos, quando souberam da sua doença. Mas então já era tarde. Cruz e Souza morria, tuberculoso, recebendo apenas uma pávida homenagem póstuma da Central do Brasil, onde trabalhava.

No segundo capítulo do livro desfilam a «arte» e o «pensamento» de Cruz e Souza.

Sobre Evaldo Pauli, do qual já analisamos várias obras, entre as quais «Blumenita» e «A Fundação de Florianópolis», notamos que neste

livro o estilo do autor difere dos demais trabalhos. É que Pauli, filósofo que é, sabe burilar seus escritos de acordo com o assunto abordado, o que é muito importante em matéria de comunicação. Ele atinge, assim, o público leitor certo e com isso o livro sai das prateleiras.

Não querendo parar por aqui com sua produção literária, Evaldo Pauli promete para breve o lançamento de novas obras, desta feita versando sobre a matéria da qual é mestre na Universidade Federal: filosofia.

Um ponto positivo no livro «CRUZ E SOUZA-POETA E PESADOR: a numeração dos parágrafos (não poderíamos dizer bem parágrafos, mas sim assuntos), tornando a obra essencialmente didática e facilitando consultas, o que Pauli já utilizou em outro livro seu.

De negativo: a falta da bibliografia consultada, que segundo o próprio autor, chega a ter mais de 80 títulos. Correspondência para Caixa Postal, 30 - Blumenau-SC

AS ORIGENS - C. RONALD (Carlos Ronald Schmidt) - Editora livros do Mundo Inteiro - 1971.

A corrente surrealista se manifesta nos versos e nas divagações filosóficas de C. Ronald neste «As Origens» .

O livro começa com versos curtíssimos. Frases poéticas, diríamos. Ao todo são 47 e constituem o «Livro Primeiro».

No capítulo seguinte (Livro Segundo), C. Ronald divaga em 8 itens para em seguida passar aos poemas, alguns com título, outros não.

Mas como advertem os editores, no começo da obra: «Se o autor houvesse feito para este volume uma seleção mais rigorosa, admitindo somente os poemas que - obedientes a um estilo - conferissem certa unidade expressiva ao todo, haverá de prejudicar o cunho de sinceridade que possuir tais publicações, subtraindo aos leitores o panorama amplo de sua evolução como poeta, o que seria uma ausência lastimável».

Seguem-se os seguintes capítulos: «Livro Terceiro», «Chorus», «Os Ossos Tristes», «Com as Estátuas de Casa», «Pássaro com Sangue no Bolso (?)», «O Ofício no Ar» e «O Ofício na Terra».

Alguém me perguntou qual a mensagem que C. Ronald quer transmitir com este livro. Não pude responder. As origens de cada um são diversas e por isso a obra está restrita a um público muito pequeno de leitores. E, como já se disse, a descontinuidade do ciclo produtivo do autor é que dá o «ingrediente» especial ao livro.

A edição foi impressa em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

Depois do sucesso alcançado pelos «Milagres do Cão Jerônimo», contos que estão sendo lidos em italiano, francês, inglês. Péricles Prade envereda por caminhos completamente diferentes na literatura e publica este ensaio onde analisa, como bom apreciador de arte que é, vários artistas plásticos, enfeixando desde Dürer e Salvador Dali, até Elke Bell, Pléticos. Rodrigo de Haro, Meyer Filho, Hassis, e outros contemporâneos.

Naturalmente que os artistas plásticos catarinenses, terra natal do autor, são os que merecem maior destaque neste ensaio. Mas também H. Steiner, por exemplo, que expôs em Blumenau sob o patrocínio da Univercidade Regional, merece uma apreciação sincera e a reprodução de uma gravura sua.

Igualmente os demais artistas enfocados têm vários trabalhos reproduzidos, sendo de destacar «Os 3 Poderes», escultura de Elke Bell; «Visita da Filha do Mar», pintura de Rodrigo de Haro; «Encontro Sideral», desenho de Meyer Filho, e assim por diante.

A capa, de excelente plasticidade, é de André Carneiro.

Para quem está querendo conhecer melhor a arte, principalmente a de Santa Catarina, é de se recomendar a obra. Pelo seu didatismo e facilidade de leitura, é acessível a todos.

Em contato recente, mantido com o autor, adiantou-nos ele que pretende efetuar o lançamento oficial deste livro em Florianópolis e em Blumenau, no que se constituirá, temos certeza, em novo marco cultural para Santa Catarina.



Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

(Reg Min. Trabalho nº 3)

Declarado de utilidade pública pela Lei Municipal nº. 1895, de 15-12-72

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina

UMA CRÔNICA FAMILIAR

Clara Züge Viebrantz. - Tradução e revisão de Harry Züge

Meu pai, Hermann Züge, filho de Friedrich Wilhelm Carl Züge e de sua mulher Frederike, nasc. em Pomerânia - Alemanha, aos 23/7/1896, emigrou com seus pais e em companhia de outras famílias, com a idade de 9 anos ao Brasil. mais precisamente para colônia de Pomerode, Município de Blumenau em S.Catarina. Lembra ele que foi uma viagem cheia de percalços e perigos, e já haviam emigrado antes algumas famílias para cá, e que tudo aqui parecia desconsolador, aonde se olhava havia densa mata virgem, porém foram bem recebidos e tratados pelas famílias que aqui já se tinham estabelecido. Alguns dias após à chegada, duas ou tres pessoas saíram em companhia dos emigrantes à procura de terras, e cada qual recebeu então o seu lote (colônia).

Era muito pesado e difícil iniciar uma nova vida dentro do cerrado mato, porém a vontade férrea muito contribuiu para remover todos os obstáculos, e dentro de pouco tempo, cada um havia derrubado um pedaço deste gigantesco e belo mato verde, e podia construir a sua cabana da melhor maneira possível. Era uma tarefa estafante, que com muita luta e sacrificio foi vencida. Assim também, Hermann Züge, tio do cronista, juntamente com seus pais lutaram heroicamente pela sobrevivência. Aos 14 anos ele

aprendeu a profissão de charuteiro, por intermédio de um certo José Fontes, que possuía um pequeno galpão onde trabalhavam cinco outros rapazes. Assim passaram-se os anos, e com a idade de 19 anos, Hermann chegou a conhecer uma jovem de nome Luise Goldacker. Luise nasceu em Blumenau em 19/4/1880. Desta amizade, surgiu um namoro que terminou após um ano em casamento, que se deu em 1896, e Luise tornou-se sua companheira de vida. Um ano após, em 20-8-1897 nasceu a primeira filha que recebeu o nome de Adele. Que alegria, que felicidade para o jovem casal! Após ter ficado 8 dias em casa, ao lado da jovem mãe, meu pai Hermann, voltou normalmente ao emprego na fábrica de charutos da Companhia Salinger em Itoupava-Seca, Altona, a qual naquela época exportava charutos para todo território nacional e exterior. Em 30-1-1899 nasceu, 2º filho, de nome Leopoldo. Com o segundo nascimento os serviços caseiros aumentavam em muito e além disso havia bastante que fazer na roça. Assim a preocupação de meu pai teria que ser redobrado afim de ganhar o pão de cada dia, pois o ganho era escasso. Em 26 de agosto de 1900 nasceu, o terceiro filho, uma menina, à qual foi dado o nome de Ella. Mas, o nosso pai não desanimou e mamãe lutou valentemente ao lado dele onde havia necessidade.

Mas, então veio uma fatalidade que prendeu mamãe por 3 semanas à cama em consequência dum nascimento prematuro, que graças o auxílio de nossa tia Elise Goldacker, que tratava diariamente das crianças e da comida, ela se recuperou lenta mas satisfatoriamente. Em 7 de dezembro de 1902 nasceu a filha Clara. Novamente mamãe passou por sérios problemas. Cinco meses depois, papai adquiriu o terreno de Ricardo Fuchs, o qual veio residir com seus parentes. Fuchs já construira uma casa de madeira e um rancho pequeno em cima deste terreno. Daqui para frente as coisas iam melhorando. Em consequência da transferência e mudança, papai tinha que se ausentar por 14 dias do serviço, retornando em seguida ao mesmo. A espôsa tinha que prestar conta dos serviços caseiros e dar conta do recado da melhor maneira possível. Passados dois anos nascera, em 1º de Setembro de 1904, mais um filho chamado Alfredo, este em consequência dum sofrimento cardíaco, falecera aos 21 anos quando pela terceira vez foi acometido por um ataque, isto em 11 de junho de 1925, já agora na localidade de Braço Trombudo, na casa dos pais. No dia 3 de junho de 1906 nascera a filha Irma, que falecera em 9 de junho de 1949. Era casada com Willy Kumrow, com o qual tivera 6 filhos. Residia em Rio do Sul. Em 7 de Junho de 1909, nascera a filha Nina. Aos 15 de Novembro de 1911 nasceu Helmut. Neste ano Blumenau foi castigado pela maior enchente, de que se tem notícias no Vale do Itajaí. As inundações causaram enormes prejuízos. Ainda se devem lembrar dela os mais idosos. A propriedade de meu pai Her-

mann, devido a sua situação elevada não foi atingida pela catástrofe, enquanto a de seu irmão Fritz (meu pai) que estava instalado com Casa Comercial e Salão de Baile (hoje ainda existente e localizado no mesmo lugar) (denominado Salão Fidélis tal qual antigamente.) tinha que abandonar sua casa com toda a família, pois as águas que nesta altura tinham atingido 16.47 mtrs., chegaram até ao telhado. Ele, Fritz, havia sofrido grandes prejuízos materias. Um relógio de parede que estava pendurado na sala, e que também ficou submerso, e uma máquina Singer, de costura, ainda existem hoje e funcionam normalmente. Em 30 de junho de 1912 a família foi novamente aumentada com o nascimento do filho Oscar, em Itoupava-Central. Mais uma boca a ser sustentada. Já com fundadas esperanças que a «cegonha» não se fizesse mais presente, porém errando nos cálculos, nasceu 4 anos mais tarde aos 18 de novembro de 1916, em Itoupava, mais um «retardatário», o qual tomou o nome de Curt. - Felizmente o último. Novamente nossa mãe Luise passou por maus bocados. Agora a família já contava com 8 filhos e todos precisavam ser alimentados e educados, isto realmente foi uma árdua tarefa para meu pai Hermann. No ano de 1920 meu pai juntamente com outros colegas, foi a Braço do Trombudo, à procura de melhores terras, segundo se propalava onde cada qual adquiriu sua colônia e, após tudo pronto, foi com o seu cunhado e filho mais velho para cima, retornando após tres semanas de trabalho na preparação de terreno para construção de casa, derrubada de matas para as futuras plantações, etc. Um ano mais tarde

ele com toda a família mudou-se e se estabeleceu em Braço do Trombudo, considerado então, as novas fecundas e futuras colônias do Vale do Itajaí. Sempre havia falado à sua espôsa Luise, que o clima lá era saudavel e tudo tão belo e bonito, no entanto quando lá chegara, muita coisa era diferente, e o desejo dela, era retornar com os filhos a Blumenau, mas em virtude dos insistentes apelos e estímulo, pedido que ficasse e tivesse paciência, que também cá, tudo melhoraria e ficaria belo, ela finalmente ficou. Foi deveras, difícil, iniciar mais uma vez uma nova vida em meio de mata virgem, e a saudade roía o coração e não fazia esquecer. Mamãe passou muitos aborrecimentos e se afligia bastante, e não foram poucas as amargas lágrimas choradas até que tudo fôsse colocado nos seus devidos lugares e a ordem restabelecida. Afinal, depois de dois anos de duras provas e vicissitudes, foram superadas as necessidades mais prementes e o sol e contentamento voltaram a raiar, porque agora, já havia sido construída uma ampla e bonita casa de moradia. A paz e a felicidade voltaram a ser bons companheiros. Um pasto verde estava a disposição do gado e um galpão havia sido edificado. Com o correr dos anos as crianças cresceram, podendo agora auxiliar papai em muito na lavoura. Embora ele não fôsse um colono propriamente dito, mesmo assim trabalhava diariamente na roça, plantando mais de duas quartas de milho e seis mil pés de aipim. E, assim os anos de muita luta e sacrifício foram se passando, os filhos já eram todos adultos, e cada qual tratava de pensar em formar o seu próprio lar. Um após outro

deixava a casa paterna, enamorando-se, e contratando em seguida casamento. Meu irmão Oskar havia assumido a responsabilidade de ficar com os pais, comprometeu-se a cuidar deles até final de vida, cujo compromisso, ajudada por sua espôsa Álida cumpriu fiel e religiosamente. Com 81 anos, meu pai sofreu um ataque cardíaco, porém não fatal, convalescendo-se depois de seis semanas de repouso, porém impedido de trabalhar. Seis meses mais tarde sofreu o segundo ataque, ficando em consequência disto paralizado o braço direito e dificultado de falar. Em virtude de sua crença religiosa, não admitiu que médico algum fôsse chamado ou pelo menos consultado. Confiava unicamente em seu Deus. Agora, já com a avançada idade de 82 anos, sofreu o terceiro ataque o qual pôs fim à sua agitada vida, fechando os olhos para sempre no dia 19 de fevereiro de 1958. Falecera em casa de seu filho Oskar, que providenciou o seu sepultamento. Deixou sua viúva, 8 filhos, 45 netos e cinco bisnetos. Seis anos mais tarde em 9 de julho de 1964, faleceu também a sua companheira, Luise, com 84 anos, jazendo ambos no cemitério de Braço de Trombudo. Meu pai Hermann raras vezes ficara doente, embora ligeiramente atacado de várias doenças passageiras comuns em nossas vidas. Facilmente se restabelecia, acontecendo o contrário com nossa mãe que foi diversas vezes acometida por doenças, tais como: sarampo, malária e outros. Iniciar duas vezes a vida em meio de densa mata virgem, não é brincadeira, e perseverança, resistência, e vontade ferrea de vencer todos os obstáculos. Muitos de seus amigos retornaram ao local de

origem, mas papai resistiu galhardamente, lutando e labutando até a morte, e aceitando aquilo que pelo destino lhe foi predestinado nesta terra. Conto hoje com 70 anos e a minha memória já começava dar sinais de fraqueza, mas, em síntese é isto que poderia dizer. Esforcei-me em ligeiras pinceladas em dar uma biografia do que foi a vida de nosso pai, um pioneiro como inúmeros, que cá apor-

taram com o intuito de forjar uma vida mais condizente, numa nova pátria. E creio, mesmo levando em conta todos os contratemplos, que este objetivo se concretizou. A presente crônica não tem pretensões de ser uma história, embora resumida, ou quere-la chamar de literatura, mas, acredito que um ou outro, jovem ou mais idoso, se interessará pela leitura da mesma.

TRES PINGOS DE HISTÓRIA

★ Lá pelos começos, e até mesmo pelas primeiras décadas deste século, não era sopa ir-se de Blumenau a Lages. O trajeto que, hoje, se faz em poucas horas, comodamente de auto ou de ônibus, durava, então, oito dias bem puxados. E sabe lá Deus com quantos sacrifícios! A viagem tinha de ser feita em lombo de burro. E, geralmente, era realizada em conexão com os condutores de tropas de mulas que desciam a serra trazendo dali os produtos da lavoura e pecuária para vendê-los ou trocá-los pelos gêneros da Colônia. Os moços de hoje mal podem ter uma idéia do que isso significava. Eram trabalhos e contrariedades sem conta.

★★ Mas os inconvenientes não se limitavam, apenas, aos incômodos físicos, ao cansaço, aos aborrecimentos, à aflição, à ansiedade, à verdadeira provação de uma viagem perigosa e atribulada. Havia ainda o perigo do índio. Hordas de selvagens botocudos, esporeados pelo ódio ao branco invasor de suas terras, seus seculares domínios tocaiavam a marcha das tropas, acompanhando-a, muitas vezes por dias inteiros, pelo interior das matas, aguardando hora e local apropriados para caírem sobre os homens e os animais com a ferocidade que os deixou tristemente célebres.

★★★ Um assalto que ficou na história, não só pela violência e desumanidade com que foi praticado, como pelo lamentável resultado, foi o que se deu em junho de 1897, na estrada de Rio do Sul a Curitibanos. O senhor Cardoso com a sua tropa de 12 muares carregados, regressava de Blumenau para o Planalto. Levava em sua companhia, além de dois tropeiros, seus agregados, Frei Oswaldo Schlenger, dos primeiros padres franciscanos chegados a Santa Catarina para restaurarem as quase extintas províncias franciscanas do Brasil, a de Santo Antônio da Bahia e a da Imaculada Conceição, com sede no Rio de Janeiro.

A narração feita pelo próprio Frei Oswaldo, desse assalto, de que escapou milagrosamente, tem um interesse todo especial para os que estudam o problema dos indígenas catarinenses. Essa narração já foi publicada em outro número de «Blumenau em Caderno».

UMA GRANDE PEDRA

Morreu D. Daniel Hostin. Desapareceu um grande sacerdote e uma criatura de notáveis dotes de inteligência e de grande coração.

Conhecemo-lo modesto frade franciscano, dirigindo, como seu vigário, a paróquia de Blumenau. E, desde então, ligaram-nos laços de grande amizade e de estima crescente.

Como pároco de Blumenau, Frei Daniel era admirável, deixando já transparecer o que seria, mais tarde, a sua extraordinária atuação como primeiro pastor de uma Diocese nova, trabalhosa, que se entendia por vasta área do centro e do oeste catarinense, até onde começavam, então, a chegar o progresso e a civilização.

Durante a sua administração paroquial em Blumenau (1920-1926) Frei Daniel fez alterações no corpo da primitiva igreja matriz, acrescentando-lhe as capelas laterais e modificando a torre para poder abrigar tres novos e grandes sinos e o relógio que funcionou regularmente até a demolição do templo, para a construção do atual.

Foi um vigário zeloso, cordial, com alta compreensão dos seus deveres apostolares. Cuidou muito seriamente do ensino religioso nas escolas paroquiais e públicas. Nesse particular, atravessou dos períodos mais críticos por que tem passado a instrução religiosa nos estabelecimentos de ensino público primário no estado, à época da intervenção federal no propósito da nacionalização das escolas particulares.

Frei Daniel, estimado por católicos e não católicos, conseguiu superar todos os percalços de sorte que, não só não houve interrupção no ensino da doutrina cristã nas escolas públicas, como a intervenção dos inspetores federais fez-se benéfica também para a instrução particular, tanto nas escolas administradas pela paróquia como nas das comunidades particulares. Nesse sentido, teve a decidida ajuda de outro franciscano e notável educador, o frei Estanislau Schætte, também de venerada e saudosa memória.

Como vigário de uma cidade onde a maioria da população era de evangélicos luteranos, Frei Daniel soube agir sensata e cristãmente, levando as suas convicções de sacerdote católico aos limites da intolerância e da discriminação religiosas, ou sociais. Visitava constantemente os seus paroquianos, mantendo igualmente boa amizade com as famílias protestantes.

Eleito para o episcopado, como o primeiro bispo da Diocese



de Lages, Daniel Hostin não alterou o seu modo de pensar e se alguma coisa alterou nos seus métodos de vida foi dar-se a trabalho dobrada na sua missão de pastor espiritual. Lutou bravamente, teve desgostos profundos com as incompreensões e a ingratidão de muitos a quem ele só fizera o bem, mas teve sempre lugar preponderante na estima, no respeito, na veneração de seus diocesanos e de quantos tiveram a ventura de com ele trabalhar e tratar.

A Diocese de Lages deve-lhe muito. Deve-lhe a sua organização, a fundação do seu seminário e Colégio Diocesano, a criação de uma ordem de religiosas, grandes auxiliares na obra de evangelização de uma região vastíssima (Lages compreendia, então, todo o planalto e oeste catarinense, até as divisas com Argentina) em grande parte ainda afetada pelos efeitos morais e materiais da tristemente célebre campanha dos fanáticos de José Maria. Mas, mesmo entre a gente do Contestado, D. Daniel soube fazer-se querido e respeitado.

Reconhecendo os serviços que prestou à comunidade da Princesa da Serra e aos municípios vizinhos, Lages, já há tempos, e em vida do bom prelado, erigiu-lhe busto em bronze numa das principais praças da cidade. Homenagem justíssima, e que reavivará, pelos tempos a fora, na memória dos lageanos, a figura amada do seu inesquecível e bom pastor.

Para nós de «Blumenau em Caderno», a morte de D. Daniel foi um duro golpe. Manteve conosco constante correspondência, estimulando-nos e incentivando-nos, quando não nos auxiliando em várias dificuldades por que atravessamos.

A D. Daniel, Blumenau deve, em boa parte, a fundação do jornal «Cidade de Blumenau», pois foi ele quem, ainda como vigário desta paróquia, deu corpo e eficiência à sociedade anônima que, por muitos anos, foi editora daquele então semanário.

Nossos pêsames à diocese lageana e aos seus atuais bispos, D. Honorato Piazero e a D. Carlos Schmitt que perderam, em D. Daniel, um grande prelado e um inesquecível amigo e pai.

Que Deus tenha em sua paz a alma boníssima de D. Daniel Hostin.

RELATÓRIO DA COLÔNIA BLUMENAU RELATIVO AO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1863.

Ilmo. Snr. - Tendo a honra de acusar recebido o ofício de V.S. de 26 do mês próximo passado, junto com a cópia do aviso da Presidência, que me exige «uma nota declarativa da despesa que se faz com cada colono desde que chega a essa capital até que se acha em estado de viver independente de auxilio dos cofres públicos», cumpre-me dizer que é difficilimo, para não dizer impossível estabelecer sobre a despesa que faz, tal nota, que possa servir, não digo exata, mas só aproximadamente para fins práticos e mais impossível ainda responder ao quesito posto com poucas palavras. Posso dar e dou abaixo uma nota sobre a despesa, que em geral se fez ou a quota, parte ou quinhão, que a cada uma pessoa toca, mas parece-me, que estes dados só com restrições e só com esta localidade podem servir para cálculos futuros.

Querer se tirar delas ou das outras colonias uma conclusão geral e final, e aplicar esta a cada uma colônia sem distinção e sem tomar em conta as particularidades existentes, parece-me muito mal seguro o até perigoso, porque não deixaria de dar em graves erros e podia causar deploráveis consequências. O «facit» do cálculo, «a despesa que se faz com cada colono», é o produto da concorrência de tantos e tão incertos, de tão variáveis e quase incalculáveis elementos e fatores, que de maneira alguma não se presta a um esquema e apenas a um cálculo de probalidades, sendo a informação, que no presente tenho a dar, o mais difficil e melindroso trabalho, de que jamais tenha sido incumbido. Eu já fiz muitos desses cálculos, outros em todas partes do mundo os fizeram igualmente, mas sempre e sempre e sem excessão falharam, ora em favor, ora em prejuizo.

Menciono só alguns dos mais importantes fatores, que concorrem para o cálculo em questão:

Proporção do número dos solteiros, que vivem sobre si, ao dito das famílias, recebendo aqueles nesta colônia só em caso de prova da e grave enfermidade diárias ou adiantamentos, mas participando na despesa do transporte, dos viveres, fornecidos para a viagem, e algumas outras.

Constituição das famílias: como extremos de um lado robustas, sem filhos, não tendo a sustentar bocas, que não produzem; do outro, fracas ditas, que não têm apoio algum ou mesmo impedimento dos seus filhos no árduo princípio do seu estabelecimento; idem, idem com filhos, sendo todos ou somente parte deles capazes ou incapazes do trabalho, e portanto todos ou só parte deles produtores ou consumidores, causando estes durante anos só despesas e empecilho aos seus pais.

Qualidades fisicas: robustez ou fraqueza dos braços; saúde vigorosa ou débil; fácil ou difficil aclimatação; jeito e destreza ou falta

deles. Enfermidades prolongadas ou mesmo óbitos de um membro da família, indispensável ou importante para os trabalhos e o estabelecimento agrícola da mesma.

Qualidades intelectuais: inteligência ou necessidade; jeito de se acomodar às nossas circunstâncias, em que se acha e no aprender; experiência e prática de lavoura e ocupações rurais ou falta delas, e esta menos, mais ou completa, não tendo infeliz, o que inconsideradamente imigrou, idéia alguma dela e dos seus trabalhos, nem do que tem de fazer na sua sorte de terras.

Posse de um pecúlio, propriedade ou fortuna, menor ou maior, que o emigrado consigo traz, e em que se apóia; ou absoluta indigência, que apenas traz a mais indispensável roupa do corpo.

Chegada na mais oportuna ou importuna estação para os trabalhos agrícolas e a plantação, podendo um fazer alguma colheita após 4 a 6, outro só após de 12 meses.

Correr regular ou irregular das estações, auxiliando ou impedindo os trabalhos, chuvas excessivas, insetos destruidores, enchentes, etc.

Situação e qualidade da sorte de terras, que o emigrado recebeu, distância e variável dificuldade do transporte dos mantimentos, feitos etc.

É ainda outras circunstâncias, que auxiliam ou dificultam o estabelecimento do imigrante, acelerando ou retardando a época, em que pode exclusivas e independentemente subsistir da sua lavoura.

À vista disso bem se pode perguntar: quão grande é a diferença entre as necessidades de uma robusta família, cujos membros todos produzem e que chega em regular e a mais oportuna estação do ano, e as de uma família de fracas fôrças físicas carregada de pequenos filhos, chegando em estação, que já não permite plantar e ainda flagelado por enfermidades ou ainda perdendo o chefe pela morte?

A efetiva despesa em si se divide ainda em direta e indireta:

À direta pertencem o fornecimento de víveres e outras necessidades, as despesas de desembarque, reembarque, ulterior viagem, medicamentos, enterro dos indigentes falecidos, diários e diferentes outras verbas.

Na indireta se devem comprehende todos os gastos com a fatura de picadas, caminhos, pontes provisórias e sólidas e outros meios de comunicação, e com as medições, que imediatamente se referem ao estabelecimentos dos respectivos novos emigrados: em sentido mais largo lhe pertencem ainda os gastos com as estradas rodáveis, pontes sólidas e em geral com todas as obras públicas, em que se ocupam trabalhadores, como também com todas as medições da Colônia. Mas não se pode dizer, que esta despesa exclusivamente se faça com o colono, visto que sempre é

indispensável fazê-la, para dotar o país com as estradas, pontes e mais obras, de que carece para seu desenvolvimento e prosperidade.

Quanto mais for a despesa indireta, tanto mais pode se diminuir a direta até acabar-se inteiramente com esta - é este o fato mais importante na vida das colônias, porque evidencia, que, passada certa época, a imigração espontânea se poderá sustentar, estabelecer e prosperar sem auxílio direto do governo, uma vez que este cuide em executar obras, que aliás e já de per si tão indispensáveis para o desenvolvimento e prosperidade do país.

E nem é necessário, que seja exclusivamente o Governo, que carregue com tal despesa. O essencial é, que entre dinheiro em circulação e se ofereça ocasião ao trabalhador recém-chegado, ganhar o necessário para o seu sustento e estabelecimento, seja em trabalho público ou particular. Por esta razão o imigrante em menor grau carece de subvenção direta e indireta do Governo naquela localidade, em que se executam importantes e dispendiosos trabalhos por conta de companhias ou particulares, aonde a indústria particular e a lavoura já se desenvolveram de maneira tal, para poderem ocupar e assalariar numerosos braços, ou enfim aonde uma fácil e lucrativa mineração fornece ao assíduo trabalhador ocasião para ganhar em tempo proporcionalmente breve a necessária quantia para seu estabelecimento como lavrador ou industrial.

É esta a história da Colonização em todos os países e ela evidencia, que não é econômico, dispensar a emigração em pequenos grupos sobre grande distâncias e superfícies, devendo-se ao contrário concentrá-la, quanto for possível, afim de que se desenvolvam ainda outras indústrias, alem da agricultura. É ainda muito difícil, deferir, «quando o colono se acha em estado de viver independente do auxílio dos cofres públicos». Depende isto em grandíssima parte do genero da cultura, a que solo e clima se prestam, do correr das estações, da facilidade de vender os produtos, do preço destes e dos generos de que o colono carece e que tem de pagar com seus produtos, da existência de um mercado para certa qualidade de bens, como algodão, fumo etc. e de muitas outras condições. Do produto bruto da sua lavoura o colono exclusivamente não pode viver, tão abundante, que seja; a mandioca nada, o milho pouco lhe servem se não pode transformar em farinha e pão. Para este fim porém se carece de engenhos ou maquinismos, que custam certa quantia.

Enfim, a questão é a das mais complicadas; pode se escrever sobre ela livros, como já se escreveram, e muito mal se presta para ser elucidado no espaço de um officio.

(Continua no próximo número)

Indústria T extil

Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - BRASIL

Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal, 2

Telegramas: «TRICOT»

HERING

Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

Companhia

COMERCIAL SCHRADER

BLUMENAU — Santa Catarina
Caixa Postal 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas
Rua 15 de Novembro, 117
Telefones: 22-0411 e 22-0736
Depósitos: Rua Itajaí, 260
Telefone: 22-0429

Oficina mecânica especializada "MERCEDES BENZ"

Rua Itajaí, 625
Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e Peças «MERCEDES BENZ»
Lubrificantes «MOBIL OIL»; pneus e câmaras de ar
«DUNLOP» e «PIRELLI»

Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e "SANTA CRUZ"
Cia. de Seguros Gerais

Telefone: 22-1024

Impressa na Tipografia Centenário de Timbó Ltda.